

*No começo dos anos 60, um filme de vampiros eletrizou as platéias do mundo inteiro. Era uma história de terror conhecidíssima; sobre ela já tinham sido produzidos livros, revistas, filmes, nas mais diferentes e bizarras versões. Mas nenhuma outra obra tinha provocado tamanha sensação como esse vampiro da Noite, produzido pela Hammer, com Christopher Lee no papel do Conde Drácula.*

*O que havia nela de diferente?*

*A história era a mesma de sempre, com o Conde que, à meia-noite, se transforma em vampiro e suga o sangue de suas vítimas, o que faz com que essas, por sua vez, virem vampiros depois da morte. E então a mocinha e o mocinho chegam ao castelo para desvendar as inúmeras mortes misteriosas que vinham acontecendo por ali. E é claro que o Drácula vai tentar acabar com os dois, como já tinha feito com tantos. Mas desta vez o mocinho é mais esperto do que os outros e a mocinha é muito mais bonita. E a gente já sabe que tudo vai terminar bem, como de fato termina.*

*Então, qual a novidade? Por que esse filme causou tamanho impacto?*

*A novidade não estava bem na tela; estava mais na platéia, no que acontecia dentro dos espectadores, no que sentíamos ao assistir ao filme. Essa coisa nova, que provocava emoções diferentes, estava também na tela; mas aí a diferença era mais sutil, até parecia desproporcional ao que provocava dentro de nós. Pois aquele Conde Drácula, ao contrário de todos os outros que o tinham precedido, era um homem encantador. Quase bonito.*

**'Escritora, psicóloga, bióloga e terapeuta de casais e famílias**

*Isso se descartarmos as ternveis presas de vampiro, naturalmente. Mas as presas só apareciam quando o Conde arreganhava os lábios para morder sua vítima. Até esse momento, nada fazia supor o perigo que ele representava.*

*E todos ficávamos mais assustados, porque tínhamos sentido a força de sedução do personagem. Porque ninguém podia acreditar que aquele homem tão atraente, tão apaixonante, com aquela máscula sombra azul que indicava barba forte e cerrada (o sinal máximo de encanto viril, na época), enfim, que aquele príncipe misterioso, pelo qual todos suspirávamos, tivesse aqueles caninos afiados.*

*Podemos achar graça dos filmes que mostram monstros horríveis, de olhos esbugalhados e pele nojenta, com ramela escorrendo do nariz, porque sabemos que, se nos depararmos com um deles, vamos fugir imediatamente, com todas as forças de nossas pernas. Mas quem sabe o que pode acontecer quando o perigo está num homem atraente e misterioso, ou numa loira de ar inocente e desprotegido? Quem garante que não vamos querer nos aproximar, nem que seja só para ver melhor?*

*O Conde Drácula, de Christopher Lee, fazia com que puséssemos em dúvida se valia mesmo a pena resistir ao mal. Todos nós estávamos, de certa forma, apaixonados por ele. E apesar de sabermos muito bem o perigo que ele representava, não estávamos seguros de que iríamos mesmo sair correndo se o encontrássemos num lugar ermo na noite escura(2).*

\*\*\*

O ser humano não é nem uno nem homogêneo: cada um de nós é habitado por múltiplas personagens, abrigadas dentro de uma só pele, atendendo por um único nome. E nem sempre essas personagens estão todas de acordo, diante de uma decisão importante (como fazer regime, parar de fumar ou fugir de vampiros).

Por sermos plurais, sentimo-nos impelidos a viver experiências que têm o poder de nos colocar em contato com diferentes facetas de nós mesmos, como se quebrassem a armadura de pele que nos faz parecer um só. Como a poção maligna faz com o doutor Jeckil e o senhor Hyde (O Médico e o Monstro); ou os raios gama com o professor Banner e o descontrolado Hulk. Ou, então, como fazem conosco as paixões (ou as drogas) que mobilizam, dentro de cada um de nós, as diferentes personagens que nos habitam.

Na fonte primordial de onde brotam os impulsos, não existem ainda o bem e o mal. O que move uma pessoa em direção à droga está, na origem, muito perto do que levou o homem a se debruçar sobre o microscópio, ou a olhar através de um telescópio - o mesmo que impulsionou tantos em direção ao sextante, aos mares bravios, às aventuras espaciais. Esse movimento de expansão, que nos empurra às grandes descobertas, afrontando o desafio do desconhecido, é parte do arsenal que nos fez humanos - reflexo do desejo de conhecer sempre mais, da ousadia de romper limites. Brota da sensação de desconforto de viver uma só vida, dentro de uma única pele.

Algumas experiências podem romper essas limitações. Não muitas. Dentre elas: a arte, as paixões. E a droga. (Alguns momentos mágicos do esporte também têm esse poder: a quebra de um recorde, a alegria de um gol são emoções que nos transportam para além das contingências do momento. É aí que o esporte confina com a arte.)

2 Extraído de ARATANGY, Lídia, Conversas e desconversas sobre drogas, São Paulo: Olho D'Água, p. 23-5

Como respeitar a genialidade que habita tantos adolescentes, sem provocar a loucura que se esconde por trás dela? Como estimular a valentia dos nossos jovens, sem favorecer a violência e a criminalidade? O desafio está em combater o vício de drogas, sem inibir essa preciosa inquietação que leva o Homem a buscar conhecer sempre mais.

Nos últimos anos, alguns livros meus, adotados em diferentes escolas, têm-me levado a percorrer os mais diversos países que compõem nosso imenso país, fazendo palestras para alunos de 2-º Grau (tenho participado de debates em escolas dos mais variados tipos, desde cursos noturnos de colégios estaduais do interior mais pobre de São Paulo, até escolas de comunidades peculiares, como o Colégio Pitágoras, de Carajás). Sempre peço a quem me convida que deixe uma urna em lugar discreto, mas de fácil acesso, para que os alunos coloquem ali, anonimamente, as perguntas que gostariam que eu respondesse. Com esse sistema, tenho hoje um acervo de mais de dez mil questões, formuladas por adolescentes de diferentes níveis sócio-econômicos e das mais diversas regiões do Brasil. E o contato direto com esses estudantes, seus professores e seus pais me permite mapear com alguma segurança os principais pecados do discurso sobre drogas.

### **O Que Não Funciona?**

A primeira falácia consiste em optar pela soberania do racional, reduzindo a discussão sobre drogas a um curso de Química Avançada. Por mais respeito que o adolescente tenha pelo saber científico (e ele tem), o jovem já tem a consciência clara de que a opção pelo uso de substâncias psicoativas passa pelo conhecimento de seus efeitos, mas está longe de se reduzir a isso: é, acima de tudo, uma questão emocional, não racional.

Outro erro comum está em reduzir a discussão sobre drogas a um curso de moral e religião, definindo o bem e o mal como se fossem absolutos. Uma das mais importantes características da adolescência é a busca de um quadro de referências próprio, baseado evidentemente nos valores recebidos dos pais e professores, mas que não se confunde com esses. Nesse contexto, lançar mão de argumentos morais (na maioria das vezes preconceituosos) implica perder o interesse e a atenção do interlocutor adolescente.

Também não atinge o objetivo de prevenção patrocinar atividades pontuais e isoladas, como uma palestra proferida por especialista externo ao cotidiano da escola, ou depoimentos de grandes estrelas do mundo do rock, que se apresentam como ex-viciados reabilitados. Esses eventos, na maioria das vezes, são contraproducentes, na medida em que servem para aplacar a ansiedade da própria escola que, com isso, acredita ter feito a sua parte e se exime de qualquer projeto mais comprometido e consistente.

Palestras com especialistas podem eventualmente ajudar, se fizerem parte de um programa de prevenção mais amplo, que inclua diversas atividades a longo prazo. Mas os depoimentos de ex-drogados arrependidos, principalmente se famosos, correm o risco de confirmar a onipotência adolescente, fazendo-os acreditar que, como o depoente, serão capazes de largar a droga.

A participação dos alunos num projeto de prevenção, mesmo que inclua a elaboração e apresentação de trabalhos, não deve receber nota, nem fazer parte de qualquer sistema de avaliação com o poder de aprovar ou reprovar o aluno. Qualquer que seja o resultado,

o trabalho só pode ser devolvido com comentários qualitativos e críticas construtivas, formulados com o sentido de melhorar o que foi apresentado, com sugestões de ampliação e/ou aprofundamento, que não devem ser traduzidas por uma avaliação formal, tipo nota ou conceito.

### **Questão de Liberdade?**

A adolescência é a fase em que os horizontes do universo infantil se ampliam para além do contexto familiar, para abarcar todo o contexto social. E o jovem é especialmente sensível às questões de justiça social, ávido por bandeiras e causas a defender. E, nesse sentido, a questão das drogas envolve muitos paradoxos. Pois entre o nariz que aspira cocaína e a carreira de pó, por exemplo, esconde-se aquilo que ninguém quer ver, que os jovens e idealistas usuários insistem em fingir que não existe ou em acreditar que não tem nada a ver com sua liberdade de usar drogas. Estou falando das iniquidades que quem compra um grama de pó está ajudando a sustentar. Estou falando do submundo que vive da droga, que depende desse comércio e é sustentado por ele: os cartéis e assassinatos, os campos de pouso clandestinos e as queimadas das florestas. Estou falando de violência, de destruição, de miséria - de males contra os quais lutamos, levantamos bandeiras, fazemos passeatas e fundamos partidos políticos.

Há pouco tempo, durante a polêmica em torno da lei municipal que proíbe fumar em recintos coletivos fechados, a Cia. Souza Cruz, fabricante de cigarros, fez publicar um anúncio de página inteira, nos principais jornais e revistas, alardeando que o direito de fumar era, antes de tudo, uma questão de liberdade, não de saúde. (Aliás, chama a atenção a frequência com que o apelo à liberdade está presente na propaganda de cigarros e de bebidas.) Pois o que mais me mobiliza na discussão sobre drogas é justamente a questão da liberdade. (Gostaria de indagar quantos fumantes têm de fato a liberdade de escolher entre acender ou não o próximo cigarro, de comprar ou não o próximo maço.)

### **Mas o Que é "Ser Livre"?**

Liberdade tem um significado mais profundo do que "só fazer o que se gosta". Esta é uma colocação simplista, que não reflete a complexidade da questão do livre-arbítrio. Para exercitar uma escolha livre, é preciso conhecer a própria necessidade (já que é tão difícil ter acesso ao próprio desejo, inconsciente por definição), conhecer as opções possíveis, e conhecer as implicações de cada uma das possibilidades de ação (neste sentido, o suicídio dificilmente é uma escolha livre, dado que o suicida não conhece o que acontece depois de sua morte, nem o que aconteceria com sua vida, se optasse por ela). Assim, a liberdade geralmente desaparece, uma vez iniciada uma relação com a maioria das drogas, pois o usuário é compelido a continuar "escolhendo" usar o que lhe faz mal.

Para mim, este é o paradoxo fundamental da polêmica sobre drogas. Se o impulso que leva um indivíduo a experimentar uma substância psicoativa é o desejo de romper as barreiras da realidade cotidiana, o resultado dessa experiência pode ser a criação de barreiras ainda mais limitantes, que estreitarão cada dia mais seu campo de interesses. Isto é, esse impulso que emana do mais precioso dos direitos humanos, que é a conquista

da liberdade, pode levar à mais cruel das escravidões, que é a condição de dependência química ou psicológica.

### **É Possível Prevenir Sem Reprimir?**

O caminho para a prevenção do uso de drogas não passa necessariamente pela repressão. Muito mais importante e eficaz do que alardear proibições (difícilmente obedecidas) é oferecer canais para que o jovem possa dar vazão à sua necessidade de viver experiências significativas e de partilhá-las com seu grupo.

Assim, devem ser favorecidas as atividades que mobilizam emoções e dão ao adolescente a oportunidade de viver a sensação de pertencer a uma tribo, de estar identificado com um grupo. Atividades artísticas grupais (como um grupo de teatro ou um conjunto de canto coral) oferecem um canal adequado para extravasar emoções, além de criar um clima de companheirismo e espírito de equipe. Mas podem ser incentivadas outras manifestações artísticas, que contemplem os tímidos, como concursos de redação e exposições de quadros e painéis, feitos pelos alunos, sobre temas de interesse e atualidade.

A prática de esportes, principalmente coletivos, leva o adolescente a descobrir a validade de regras que devem ser obedecidas por todos, sem a necessidade constante de argumentação e confronto que as outras atividades escolares propiciam (e que também são importantes justamente por oferecer um campo para a discussão e o confronto de idéias).

Entretanto, a prática de modalidades artísticas ou esportivas não é o único caminho para canalizar emoções. Alguns filmes e livros podem mobilizar sentimentos intensos e permitir que, vicariamente, através da identificação com personagens imaginários, sejam vividas outras vidas, em outros tempos e lugares. Este talvez seja o caminho possível para que o ser humano possa viver mais de uma vida, antes da morte. Desenvolver a fantasia é uma das mais preciosas armas humanas. Viver uma fantasia no imaginário permite que não se tenha de buscar espaço no real para todos os desejos e ansiedades.

Quase todos os bons filmes estão disponíveis em vídeo, e quase todas as escolas possuem aparelhos de vídeo e bibliotecas. Não é difícil dedicar parte do tempo de permanência do aluno na escola para incentivar essas atividades (sem as submeter a qualquer tipo de avaliação!), ainda que em horários extracurriculares.

Todas essas modalidades artísticas e esportivas terão mais chance de sucesso se houver um grêmio estudantil que possa organizá-las, mesmo que seja com a ajuda de professores. O professor de Educação Física está especialmente capacitado para esse contato mais informal com os alunos. Não é por acaso que ele costuma ser o depositário preferencial das confidências dos adolescentes: sua matéria não está sujeita às mesmas regras de aprovação/reprovação e ele geralmente trabalha no pátio, e não dentro do prédio da escola, o que dá impressão de maior distanciamento das autoridades mais poderosas da escola. Por outro lado, a disciplina nas aulas de Educação Física é garantida por regras específicas dos jogos, e o professor é visto como um árbitro e não como juiz. Além disso, a convivência informal nos vestiários propicia um clima de maior intimidade.

Assim, um projeto de prevenção ao uso de drogas, além de garantir que os alunos recebam informações corretas e não preconceituosas, deve contemplar a vertente



emocional da questão. Nesse sentido, deve acolher a inquietação própria dos adolescentes, sem abrir mão de estabelecer limites claros e não arbitrários. Para tanto, é essencial a abertura de diferentes canais de participação dos alunos em múltiplas atividades artísticas e esportivas, desenvolvidas ou propiciadas pela escola. Outra dimensão importante da rebeldia adolescente tem a ver com a ampliação dos horizontes infantis, o que inaugura a preocupação com causas mais amplas de justiça social e de crítica ao sistema. Nesse campo, é possível abrir valiosas oportunidades para o jovem exercitar sua necessidade de se confrontar com as autoridades e suas regras. Há bandeiras sociais importantes e justas, e a escola pode ajudar seus alunos a participar da busca de soluções para os problemas reais da comunidade. Trabalhos em Postos de Saúde ou Parques Infantis, contatos com organizações não-governamentais que desenvolvem programas sociais amplos são exemplos de situações que propiciam o amadurecimento social e permitem o exercício da cidadania. Se não tiverem o caráter nem de assistencialismo nem de paternalismo, podem levar o jovem a encontrar um lugar adequado e produtivo para sua rebeldia e espírito crítico.

Os pais poderiam ser parceiros privilegiados num programa de prevenção. Mas, infelizmente, eles em geral estão malpreparados para enfrentar os desafios do mundo de hoje e sentem-se inseguros para abordar com seus filhos as questões mais polêmicas, como as referentes ao universo das drogas e da sexualidade.

Independentemente do nível sócio-econômico, os pais mais preocupados e atuantes estão, na melhor das hipóteses, preparados para serem os pais e mães ideais dos adolescentes que eles foram, mas mal conseguem divisar os adolescentes que seus filhos são. Este é o drama central da educação (em casa ou na escola): temos de nos basear na experiência de ontem, para educar hoje aqueles que vão enfrentar o mundo amanhã.

Nesse sentido, a escola desempenharia de maneira inestimável sua função de formar cidadãos para o futuro se tivesse condições de dar alguma assistência e cobertura aos pais, transformando as reuniões de pais e mestres numa atividade produtiva, de acolhimento de angústias e de troca real de informações.

#### **Para Que Serve a Escola?**

Existe, em psicanálise, um conceito muito interessante, que é a noção de "maternagem". Através desse processo, a mãe (ou alguém por ela) vai atribuindo significado ao que a criança sente, transformando seu caos emocional num sentimento que o bebê seja capaz de conter (um exemplo fácil é o de uma criança que está aprendendo a andar e leva um tombo; sua reação imediata é procurar o rosto da mãe e, através da expressão desta, descobrir se o que lhe aconteceu é assustador, ou engraçado, ou triste). É como se esse adulto fizesse uma interface entre a criança e suas emoções, dando contorno e sentido ao que ainda é inominado.

Pois a escola tem uma função complementar. Cabe-lhe fazer uma mediação entre a criança e o mundo, a criança e sua história, de modo que ela possa situar-se para além do contexto pessoal e fazer sua inserção no amplo universo do coletivo. Se em casa, junto à família, a criança aprende a respeitar as pessoas porque lhe são queridas e ela teme perder o afeto delas, a escola deve ensinar essa criança a respeitar todos os seres humanos, a despeito das diferenças que os distinguem. Cabe à escola ajudar a criança a formar seu próprio código de ética, baseado na tolerância e na generosidade. Esta é a base da formação de um cidadão ético, único caminho para se chegar a uma sociedade mais justa.

Em resumo, um programa de prevenção eficiente teria de:

1. levar em conta a dimensão emocional, oferecendo opções culturalmente válidas, que permitam canalizar o turbilhão de emoções que habita o adolescente, para se contraporem à intensidade das emoções que a droga propicia (participação em atividades esportivas, desenvolvimento de expressões artísticas, atividades culturais);
2. levarem conta a preocupação social e a necessidade de pertinência do jovem, abrindo a possibilidade de participação ativa em questões que envolvem a comunidade da qual a escola faz parte;
3. oferecer informações verdadeiras e não preconceituosas sobre drogas, para que o adolescente possa fazer escolhas mais livres;
4. respeitar a inteligência do jovem, não usando mensagens alarmistas e deformadas (não tratar, por exemplo, todas as drogas como se oferecessem o mesmo risco, não confundir o uso eventual de uma substância psicoativa com o uso habitual e contínuo);
5. não fazer afirmações sobre as sensações que a droga produz, para não correr o risco de se desmoralizar diante de adolescentes que possuem informações diretas que podem contradizer as suas;
6. abrir um espaço para orientação dos pais de alunos, para que estes não se sintam tão despreparados e desamparados para lidar com os desafios da adolescência

...

Listamos a seguir algumas obras de cinema (disponíveis em vídeo) e literatura, especialmente adequadas para propiciar aos adolescentes essa ampliação de horizontes.

**Livros:**

- Heinrich Zimmer (compilado por J. Campbell) - *A Conquista Psicológica do Mal* - Ed. Palas Athena (ed. americana de 1957, tradução para o português de 1988).  
Obra cuja profundidade é desproporcional à clareza e simplicidade de linguagem. Através da releitura de alguns contos clássicos do folclore de diferentes partes do mundo, o livro permite que se estabeleça contato com lados mais sombrios da personalidade humana.

- Mark Twain - *As Aventuras de Huckleberry Finn*.

Esse clássico da literatura adolescente e universal atinge a essência da infância e da adolescência dentro de cada um de nós, para além das diferenças de época, de idades, de níveis sócio-econômicos.

- Banana Yoshimoto - *Moonlight Shadows* (in: *Kitchen*) - Ed. Nova Fronteira.

O livro *Kitchen* compõe-se de duas novelas (*Kitchen* e *Moonlight Shadows*). A segunda retrata em cores ao mesmo tempo intensas e delicadas o sofrimento adolescente em seu primeiro contato com a morte.

J. D. Salinger - *O Apanhador no Campo de Centeio*.

Reflexões de um adolescente, com relatos de suas experiências com drogas e com o mundo adulto. Um clássico que dispensa maiores explicações.

Daniel Pennac - *A Fada Carabina; O Paraíso dos Ogros*.

Esse autor francês, professor de Literatura num liceu de Paris, domina como ninguém o idioma adolescente. Seus livros tratam da questão das drogas a partir de ângulos surpreendentes e inusitados.

**Filmes (disponíveis em vídeo):**

*Jamaica Abaixo de Zero- 1993*, de Jon Turteltaub (com John Candy).

Aparentemente, um filme sobre o espírito esportivo. Mas é também uma obra-prima sobre a solidariedade, o espírito de equipe e o respeito a si mesmo e ao outro. Fundamental.

*O Clube da Felicidade e da Sorte - 1993*, de Wayne Wang (com Kailu Shewh e Taneyn Kataita).

A história de quatro imigrantes chinesas nos Estados Unidos serve de pano de fundo para lidar com o choque de gerações e o preconceito. Retrata, de maneira sensível e delicada, o relacionamento entre mães e filhas.

*O Banquete de Casamento- 1993*, de Ang Lee (com Winston Chao e May Chin).

O filme aborda a questão da homossexualidade masculina de maneira leve, levando o espectador a se identificar com os personagens, abalando assim os estereótipos sobre o amor e a sexualidade.

*O Sol É Para Todos- 1962*, de Robert Mulligan (com Gregory Peck e Mary Bedham).

Um dos mais pungentes libelos contra o preconceito que o cinema já produziu.

*Glória Feita de Sangue- 1957*, de Stanley Kubrick (com Kirk Douglas e Adolphe Menjou).

Um filme sobre a irracionalidade humana, que mostra o desvario das guerras e do conceito de heroísmo.

Este Mundo É dos Loucos, com Alan Bates.

A metáfora dos loucos que tomam conta da cidade abandonada provoca um questionamento sobre a inversão dos conceitos de sanidade e doença em nossa cultura.

Grand Canyon- 1991, de Lawrence Kasdan (com Kevin Kline e Steve Martin).

Choque de gerações e de valores, num filme denso e emocionante.

Sociedade dos Poetas Mortos- 1989, de Peter Weir (com Robin Willians).

O professor apaixonado e criativo leva seus alunos (e a platéia) a indagações sobre o significado do conhecimento e a importância da cultura.

O Feitiço do Tempo- 1993, de Harold Banis (com Bill Murray).

A história aparentemente despretensiosa do repórter ranzinza e egoísta que se transforma com a repetição reiterada de um único dia de sua vida evoca temas fundamentais como a solidariedade e o preconceito.

Edward Mãos de Tesoura - 1990, de Tim Burton (com Johnny Deep).

Através do mito do rapaz que possuía duas tesouras no lugar das mãos, o filme trata com sensibilidade de questões como o desajeitamento do adolescente e o preconceito.

Todos os Corações do Mundo, de Murilo Sales.

O futebol serve de veículo para retratar diferentes expressões da emoção e momentos de solidariedade e confraternização.